

CIDADES

# Missão Cruls

## Uma vizinha sempre fiel

**Goiânia estava longe de nascer, mas os goianos defendiam a construção da nova capital no interior do país quando muitos preferiam mantê-la no litoral ou em outra região**



RENATO ALVES  
ENVIADO ESPECIAL

Wanderlei Pozzembom

**G**oiânia (GO) — Se não fosse a determinação do presidente Floriano Peixoto e de alguns políticos goianos, Brasília dificilmente seria erguida. São João Del Rey, Formosa, Paracatu, Goiânia. Qualquer uma dessas cidades mineiras e goianas poderia ser hoje a capital do país. Até a Região Nordeste reivindicou para si o direito de abrigar a sede da nova capital do país.

A transferência da capital brasileira do Rio de Janeiro para outro canto do país era sonhada desde 1770, ainda no período colonial. O primeiro defensor da mudança foi o cartógrafo genovês Francisco Tossi Colombina. Ele escreveu a Carta de Goiás e Capitanias Próximas, onde sugeria a mudança da capital para essa região. Em 1789, os inconfidentes mineiros elaboraram um programa que incluía a mudança da capital para São João Del Rey.

Entre 1823 e 1849, por questões políticas e de segurança, foram sugeridas as cidades mineiras de Paracatu e São João Del Rey, ou Formosa, em Goiás. José Bonifácio de Andrada e Silva propôs à Assembleia Geral Constituinte a mudança para Paracatu. A nova capital, para ele, deveria se chamar Petrópole ou Brasília.

Nos tempos da Revolução Pernambucana (Confederação do Equador), início do século 19, houve novo movimento pela transferência da capital. “Mas só em 1831, por iniciativa do deputado paraense João de Deus e Silva, é encaminhada a primeira proposição, em forma de projeto legislativo, para que a futura capital fosse criada num ponto central do país”, conta o historiador Jarbas Silva Marques, diretor do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Há dez dias, Marques e seis outros pesquisadores, refazem o percurso da Missão Cruls, do Rio até Brasília.

A ideia de interiorização da capital só virou lei com a proclamação da República. O artigo 3º da Constituição Federal de 1891, apresentado pelo deputado catarinense Lauro Muller, determinou que “fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura Capital Federal”.

Um ano depois de aprovada a lei, o então presidente da República, Floriano Peixoto, nomeou o astrônomo Luiz Cruls — diretor do Observatório do Rio



### QUE NEM BRASÍLIA

SEGUNDA CIDADE BRASILEIRA PLANEJADA (A PRIMEIRA FOI BELO HORIZONTE), GOIÂNIA MANTÉM SEU TRAÇADO ORIGINAL E BOA QUANTIDADE DE ÁREAS VERDES

de Janeiro — para chefiar a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, que demarcou o quadrilátero do Distrito Federal em 1892.

#### Um presidente inimigo

O pesquisador Jarbas Marques conta que o primeiro presidente civil, o mineiro Prudente de Moraes, fez o inverso. “Ele desrespeitou o primado constitucional e sabotou orçamentária e administrativamente Luiz Cruls, para que não fosse concluída a segunda fase do trabalho”. Marques explica que naquele período começava a República café-com-leite, com domínio dos políticos mineiros e paulistas, que não queriam a mudança da capital.

O único lugar onde o movimento mudancista resistia era na antiga Santa Luzia (hoje, Luziânia). Sob a liderança de Evangelino Meireles, os políticos goianos reavivaram o movimento. A

Câmara dos Deputados aprovou um projeto que determinava a construção de um marco onde hoje está Planaltina, para delimitar o local em que seria erguida a nova capital. No dia 7 de setembro de 1922, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, foi inaugurado o marco.

De olho no desenvolvimento e na valorização da região, o então superintendente (o prefeito da época) da antiga Santa Luzia, Gelmíres Reis, fez um loteamento chamado Planaltópolis. Ele distribuiu em escritórios nas principais cidades brasileiras cartazes com a frase “lotes para quem quiser morar onde será edificada a futura Capital Federal.”

#### Mudança de tática

Mas, em 1930, o movimento mudancista de Santa Luzia perde força na frente parlamentar e muda de tática. “O deputado estadual Sebastião Ma-

chado, eleito por Santa Luzia, integrou-se ao bloco mudancista que apóia Pedro Ludovico. Goiânia é então escolhida pelo grupo político de Santa Luzia como alternativa para sediar a capital federal. Com o Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas manda retirar da Constituição o artigo 3º, que tratava da mudança a capital.

Com a redemocratização de 1946, os goianos retomam o ideal de mudança. O presidente eleito, marechal Eurico Gaspar Dutra, atende aos apelos dos mudancistas e cria uma comissão para estudar a transferência da capital. Políticos mineiros e goianos travam uma batalha. Os mineiros querem que a capital vá para a região do Triângulo. Já os goianos apontam para o quadrilátero delimitado pela Missão Cruls.

A comissão montada pelo marechal Eurico Dutra conclui que os levantamentos feitos pela Missão Cruls são corretos. Eleito presidente, Juscelino

Kubitschek, que antes defendia a capital no Triângulo Mineiro, abraça a causa goiana e cumpre o artigo 3º da Constituição em 1960.

Goiânia, assim como as cidades do Triângulo Mineiro, acabaram crescendo com Brasília. Aos 70 anos, a cidade tem hoje mais de 1,1 milhão de habitantes. Segunda cidade planejada do Brasil — a primeira foi Belo Horizonte, Brasília, a terceira — a capital goiana mantém o traçado moderno. A topografia plana da cidade permite o crescimento livre e ordenado e ruas bem arborizadas.

A comitiva que refaz o percurso da Missão Cruls fez ontem uma mesa redonda em Goiânia, hoje estará na Cidade de Goiás, e amanhã, em Pirenópolis.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEI POZZEMBOM VIAJAM DE DOBLÓ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS.



## Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

### UM NAMORADO INESQUECÍVEL

Foi um namoro inconseqüente, do ponto de vista do namorado. A namorada — como de hábito — avaliou de outro modo. Ele deve ter diminuído a importância do encontro numa jogada charmosa, pra se fazer menos importante, talvez para ouvir dela uma rotunda declaração de amor. Paulo Emílio Salles Gomes foi um dos mais inesquecíveis namorados que Brasília já teve e logo se saberá por quê.

Movida por mais uma edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, abri a caixa de recordações e recuperei

o namoro da cidade com o paulista tão bem-humorado quanto crítico, tão inquieto quanto sonhador. Brasília tinha sido inaugurada quando Paulo Emílio veio aqui à procura de dinheiro para a Cinemateca Brasileira.

Quatro anos depois, foi convidado para ser professor de cinema na UnB. Podia ter ficado na USP, preferiu o chapadão. Escreveria mais tarde: “O amor à primeira vista por Brasília é generalizado. À euforia, segue-se um período de depressão igualmente válido para todos”. Soube enxergar a nova cidade sem o preconceito que costuma enevoar os olhos dos forasteiros: Aqui “tudo é fantasticamente real e ao mesmo tempo bastante imaginário”. No tempo em que morou aqui, o

professor Paulo Emílio juntava diante de si um público completamente seduzido por suas palestras sobre John Ford, Jean Renoir, Charles Chaplin, Cinema Novo. Em *30 Anos de Cinema e Festival*, Geraldo Sobral Rocha conta que Paulo Emílio “tinha tanta empatia com o público que, muitas e muitas vezes, suas apresentações eram melhores do que os filmes exibidos, por melhores que os filmes fossem”.

O namorado soube enxergar na namorada características que só um olhar ao mesmo tempo amoroso e perscrutador, aliado a um espírito sofisticado, consegue: “Brasília é a execução em alta modernidade da ideia nutrida pelo Ocidente do que fora a plenitude grega”.

É ele quem propõe à Fundação Cultural uma semana do cinema brasileiro, realizada em 1965. Naquela época, o prédio do cine Brasília ainda não tinha sido construído. O cinema ficava na Escola-Parque (e, antes de 21 de abril de 1960, o Brasília abrigava-se numa construção de madeira na Cidade Livre).

Paulo Emílio soube escolher a namorada. Crítico e historiador de cinema, encontrou no sertão goiano a alma acolhedora que buscava. A cidade tinha nascido diante de uma máquina filmadora e de uma máquina fotográfica. Onde quer que houvesse um operário, uma pá e um saco de cimento, havia também um cinegrafista ou um fotógrafo. Marcel Gautherot, Jean Mazon, Herbert Ri-

chers, Thomas Farkas, Frank Capra, e dezenas de correspondentes de jornais e revistas estrangeiros, vieram filmar a façanha espetacular de milhares de brasileiros ensandecidos pela ideia de construir uma cidade em três anos.

Consta do *30 Anos de Cinema e Festival*, obra de referência coordenada por Berê Bahia, que Paulo Emílio definiu sua passagem por Brasília como um namoro inconseqüente. Esse namoro injusto disse também, a propósito da namorada: “É incrível como chegou rápido o momento em que ver e ser brasileiro não é mais possível — sem a ótica de Brasília”.

Se eu fosse ela, nunca mais o esqueceria.